

Eixo Temático ET-08-001 - Educação não formal

AGROECOLOGIA E TURISMO RURAL: UMA REFLEXÃO ACERCA DA GESTÃO E SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO EM CAETÉS - PE

Gisele dos Santos Silva Teixeira¹, Alexandre Gomes Teixeira Vieira²,
Rogério Ferreira de Oliveira², Leandro da Rocha Vieira²,
Josefa Inayara dos Santos Silva², Emanuel Silva Oliveira³,
Rafael Felipe da Silva³, Marina de Sá Leitão Câmara de Araújo²

¹Serviço de Tecnologia Alternativa, SERTA – *Campus* Ibimirim; ²Coleção Didática de Zoologia da Universidade de Pernambuco - *Campus* Garanhuns; ³Licenciatura em História Universidade de Pernambuco – *Campus* Garanhuns.

RESUMO

Este trabalho apresenta estratégias de gestão para a área de estudo do vale do riacho São José localizado na zona rural de Caetés, bem como todos os resultados dos trabalhos de educação ambiental/patrimonial, divulgação científica e extensão rural no âmbito da agroecologia e turismo rural que foram desenvolvidos nessa localidade de setembro de 2012 a dezembro de 2016. Estas atividades têm duas funções, a primeira é servir como modelo para o desenvolvimento socioeconômico e socioambiental das comunidades do entorno da área de estudo, a segunda é atuar enquanto prática de monitoramento dessa área. As estratégias de gestão tiveram como base as perspectivas da agroecologia, que visam um desenvolvimento sustentável em equilíbrio com o meio ambiente, ao mesmo tempo que permitiram a implantação de técnicas e tecnologias inovadoras para a vida no campo, tendo como principal veículo de divulgação escolas localizadas no entorno do vale do São José e intervenções realizadas diretamente nas propriedades da região. De maneira específica, essas práticas proporcionaram ações que permitem a permanência no campo que visem uma boa convivência com as condições do clima semiárido, com a biodiversidade da Caatinga e com a ampla gama de bens que compõe as paisagens e o patrimônio do vale do São José.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Educação Patrimonial; Divulgação científica; Vale do São José.

INTRODUÇÃO

Os processos formativos relacionados ao patrimônio local, ao meio ambiente e a paisagem são frutos das experiências vividas por aqueles que convivem com esses bens, logo toda prática de convivência deve ser entendida enquanto formação patrimonial, onde o envolvimento com esses elementos propicia uma relação de afetividade e dedicação, onde espontaneamente, o protegem e lutam pela sua preservação (BRUSADIN, 2015).

É preciso lembrar que as identidades se formam, em geral, relacionadas a um lugar (BRUSADIN, 2015), onde o sentimento de *pertença* é evidente. Logo é preciso pensar a gestão dos bens patrimoniais, espaços de produção e convivência e da biodiversidade, relacionando-os à identidade das populações que os rodeiam. Por tanto, as obras norteadoras para práticas efetivas de educação do campo e norteadoras deste trabalho foram obras de Mendes (2012) que trata da permacultura e da agroecologia, a

obra Território Rural do Agreste Meridional de Pernambuco (2013) e a obra de Moura (1942), que nos apresenta o princípio e fundamentos da proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável (PEADS). As obras supracitadas foram os marcos teóricos para explicar a proposta de gestão aplicada em algumas propriedades no vale do riacho São José, zona rural do município de Caetés-PE.

Pensado nos elementos acima citados, este trabalho se propõe a apresentar os resultados das intervenções realizados pelo grupo de pesquisa “Vale do São José”, que culminam em práticas no âmbito da Extensão rural/agroecologia, educação ambiental/patrimonial, turismo rural e divulgação científica realizados em sua maioria em escolas da área do vale do riacho São José, ou diretamente nas propriedades rurais do município de Caetés, Agreste do estado de Pernambuco. Vale salientar que as ações supracitadas são desenvolvidas de forma contínua e se expandem a cada ano, passando de experiências curriculares e extracurriculares no âmbito da sala de aula *a priori*, e conseqüentemente, possibilitando outras atividades de educação e pesquisa, ouvidoria, perícia e educação ambiental, extensão rural e divulgação de técnicas agroecológicas.

As informações a serem apresentadas neste trabalho foram sistematizadas da seguinte maneira: Primeira parte: o texto trará uma discussão dos trabalhos de educação ambiental e patrimonial, e uma apresentação das visitas técnicas e turísticas com estudantes de ensino fundamental, médio, técnico e superior. Segunda parte: haverá uma breve discussão do turismo rural enquanto possibilidade para o desenvolvimento socioeconômico e socioambiental das comunidades do entorno do Vale, ações essas que servem também como estratégia de monitoramento dos bens locais. Terceira e última parte: fará uma discussão sobre a perspectiva agroecológica para gestão de algumas propriedades na área de estudo, elaborando um mapeamento de quatro dessas propriedades rurais, que têm potencial para preservar elementos peculiares de extrema relevância na área de estudo e podem servir enquanto referência em práticas agroecológicas.

METODOLOGIA

O Município de Caetés, está localizado na porção Meridional da ecorregião do Planalto da Borborema, a cerca de 18 km da cidade de Garanhuns e a 250 km da capital do estado de Pernambuco, Recife. O Vale do riacho São José, está localizado a Oeste da sede do município, estima-se que 40% do Município de Caetés esteja dentro da microbacia hidrográfica do riacho São José. Área total da bacia do riacho São José é de cerca de 12.500 hectares sendo que quase toda sua extensão esteja dentro do município de Caetés e apenas pequenas partes nas divisas com os municípios de Paratama, Pedra e Venturosa, todos no estado de Pernambuco.

Para a execução deste trabalho foi realizado um levantamento e avaliação das ações realizadas pelo grupo “Vale do São José” no âmbito da educação ambiental/patrimonial, extensão rural e divulgação científica, partindo de uma análise de sua influência entre o público atingido pelas ações. Também foi feita uma análise da eficiência dessas intervenções enquanto ferramentas de gestão aplicadas na área de estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É evidente a diversidade e riqueza patrimonial do vale do São José como aponta Vieira et al. (2014-2015). O mesmo constitui uma espécie de laboratório a céu aberto para o desenrolar de incontáveis atividades de caráter técnico-científicas,

agroecológicas, turísticas e de ensino-aprendizagem. Trabalhos com esse intuito vêm sendo vivenciados durante o período de setembro de 2012 a dezembro de 2016, visando a interação, reconhecimento e salvaguarda pelas populações circunvizinhas do Vale para com o patrimônio local.

Durante esse período também ocorreu o levantamento da diversidade dos bens patrimoniais locais, a exemplo: Paisagens, locais de memória e seus contextos; geossítios, sítios arqueológicos, estradas, capelas, casas antigas etc.; flora, seu potencial fitoterápico, biológico, ecológico, agrícola e folclórico; fauna, e seu caráter zooterapêutico, ecológico, gastronômico e cultural; convivência das populações com as adversidades edafoclimáticas locais, fenologia das espécies, caça cinegética, captura de animais silvestres para alimentação ou venda, dentre outros aspectos sempre tendo a comunicação pessoal como mediador desse processo, onde os trabalhos realizados nas escolas e propriedades renderam grandes frutos tanto no âmbito da pesquisa, quanto da educação contextualizada.

Esses esforços vêm resultando em pesquisas nas seguintes áreas: Geociências, Biociências, Arqueologia, História, Agroecologia, Extensão rural, e gestão e desenvolvimento local, bem como em projetos de divulgação científica e de convivência com o semiárido realizados em algumas escolas localizadas no entorno do vale do São José e na sede do município de Caetés. As práticas empregadas nos trabalhos de divulgação das pesquisas e na divulgação para os moradores da região deram-se em forma de palestras, cursos de curta duração, aulas temáticas e visitas técnicas em diversas propriedades rurais dessa área.

Nos trabalhos de convivência com o semiárido, são empregadas tecnologias e espaços que visam um desenvolvimento sustentável dos agroecossistemas locais, apresentando aos moradores da área as seguintes técnicas: O cultivo de hortaliças a nível familiar; implantação de viveiros de mudas de espécies florestais nativas, forrageiras e ornamentais; criação de agroecossistemas que visem a integração entre espécies nativas e exóticas e sua conservação, como agroflorestas e sistemas agro e silvipastoris; e uso de tecnologias que aproveitam energia e recursos naturais disponíveis no próprio ambiente, como a retirada sustentável de madeira, técnicas de captação e armazenamento da água das chuvas, fogão e secador solar, cercas vivas, biofertilização, entre outras.

Em curto prazo foi possível notar que o desempenho escolar dos alunos envolvidos nos projetos, ou que tiveram contato com as informações repassadas aumentou de forma bastante considerável, bem como as práticas diárias de alguns moradores também sofreu mudanças. Nas propriedades as mudanças foram menos evidentes do que nos espaços escolares, no entanto a criação de múltiplos espaços com o formato de agroecossistemas para produção silvipastoril e de hortas e viveiros monocultural feitos com materiais recicláveis ou de refugos encontrados nas propriedades foram carros-chefes para as mudanças de hábitos e melhor convivência e preservação com o meio imediato. Outra prática bastante recorrente, tanto por parte dos estudantes quanto dos moradores, foi a “catação” de sementes para produção de mudas de árvores, ou mesmo o transplante de mudas encontradas nos roçados.

Para a realização das atividades de educação e extensão, foram usadas como base os trabalhos de Maia (2012) sobre as plantas da Caatinga e suas utilidades; Vieira *et al.* (2015) sobre o patrimônio arqueológico do Nordeste; Mendes (2012), sobre a gestão e criação de propriedades agroecológicas; Território... (2013), que trás um mapeamento da região do Agreste Meridional de Pernambuco, onde localiza-se o

município de Caetés, com informações relevantes para a vivência na zona rural; Oliveira et al. (2014) e Vieira et al. (2014 /2015), com produções sobre a área de estudo em seus aspectos patrimoniais e biológicos.

Durante o processo de divulgação e informação dos moradores, houve troca de experiência, onde informações foram repassadas aos moradores e adquiridas informações empíricas essenciais para o registro e entendimento de diversas relações, tanto ecológicas, quanto culturais do vale do São José. Essa troca de informações auxiliou nos processos de pesquisa somados aos conhecimentos científicos das seguintes maneiras: Locais de ocorrências arqueológicas; ocorrência de espécies da fauna e flora; técnicas de propagação de plantas; ciclos fenológicos; identificação de locais de memórias e geossítios de valor estético.

Levando em consideração a proximidade e a interação das comunidades rurais com a área de estudo, tornou-se crucial repassar os conhecimentos oriundos das pesquisas de campo, nas redes de ensino estadual e municipal, devido à presença dos estudantes de todo o município, inclusive do entorno do Vale do São José. No decorrer das atividades de ensino e extensão, foram propostas, alternativas para a preservação, tanto do patrimônio cultural, quanto do natural.

Para alcançar essa parceria com as populações do entorno do Vale, foram investidos esforços para conhecimento e preservação do patrimônio local em forma de cursos de curta duração, palestras, exposições e aulas temáticas e de campo. De início, as informações foram apresentadas aos estudantes da Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Luís Pereira Júnior, situada na zona urbana e da Escola Antônio Zacarias, situada no Sítio Quati, com título “Linguagem e simbolismo” sendo vivenciado de setembro até dezembro de 2013. Para execução do curso, os integrantes do Grupo de Pesquisa “Vale do São José” se dividiram em duas equipes para contemplar as duas escolas.

Portanto, foram ministradas aulas expositivas e de campo, com abordagens de temas referentes a História, Cultura, Meio Ambiente, Linguagem, Arqueologia, Agroecologia, desenvolvimento sustentável e convivência com o semiárido, buscando interfaces com outras ciências. Integrando atividades experimentais com ênfase nas práticas de coleta e catalogação do campo arqueológico, etnobotânico e geológico. Também foram utilizados como recursos didáticos pedagógicos, projeções do meio ambiente estudado por meio de data-show, banner e fotografias.

O intuito desse curso foi orientar e inserir a comunidade escolar no trabalho de identificação e preservação dos diferentes tipos de linguagens presentes nas figuras rupestres nos diferentes sítios arqueológicos da zona rural do município de Caetés-PE, além de demonstrar como a preservação desses sítios poderia contribuir para o desenvolvimento em outros aspectos do cotidiano daqueles que vivem em seu entorno. O curso culminou em aulas de campo e atividades práticas próprias da antropologia física com interface arqueológica, biológica e geológica com propostas de investigação dos diferentes fenômenos no campo da pesquisa em linguagem e patrimônio histórico, cultural e natural.

Logo após a execução do curso supracitado, foi ministrada outra atividade, um curso de curta duração, intitulado “Ecologia e conservação da Caatinga”, também vivenciado na Escola Antônio Zacarias. Já na Escola Presidente Costa e Silva, situada no povoado Ponto Alegre, foi executado o curso “Arqueologia, Ecologia e Agroecologia no vale do São José”. Vale salientar que foram proferidas várias palestras e exposições de materiais oriundos das publicações realizadas pelo grupo, de forma

avulsa e esporádica nas escolas citadas anteriormente, exceto, na Antônio Zacarias, por falta de pessoal.

Dessa forma, o Grupo de pesquisa alcançou reconhecimento da população local e instituições públicas de Caetés e municípios circunvizinhos. Sendo notável a eficiência de atividades de ensino que integram os estudantes com o local onde vivem, assim, Sirkis e Trigueiro (2005) colocam:

O novo entendimento do processo de aprendizagem também envolve o reconhecimento de que toda aprendizagem é fundamentalmente social. Cada indivíduo está necessariamente inserido em um sistema social, em uma comunidade. Parte de nossa identidade depende dos laços que tentamos estabelecer na comunidade e boa parte de nossa aprendizagem depende das comunidades a que pertencemos.

Portanto, a partir da vivência dos cursos, palestras, exposições e aulas temáticas e de campo, notou-se um aprendizado significativo dos conteúdos e conseqüentemente, aumento da participação dos estudantes envolvidos durante as aulas regulares. Além disso os estudantes desenvolverem uma perspectiva em relação ao futuro, criando assim condições para a permanência na zona rural, como proposto em Território... (p. 24, 2013).

A partir do consentimento dos pais ou responsáveis legais, alguns estudantes criaram grupos de estudos orientados pelos membros do grupo de pesquisa, formaram grupos de apoio, ao Norte do Vale criaram o grupo denominado “Tamanduás”, ao Sul, “Guarás” e do lado Leste “Carás”, nomes derivados de animais existentes na área. Esses trabalhos possibilitaram a esses estudantes uma perspectiva à iniciação científica, de modo que alguns deles viessem até mesmo a prestar vestibular para áreas como geografia, história, ciências biológicas, agroecologia, agronomia dentre outras.

Pensar em um turismo rural é pensar na interface entre o local e quem o visita, onde é possível criar uma relação tempo e sociedade a partir do patrimônio, visitado como o proposto por Brusandin (2015). Logo o patrimônio aqui citado, não consiste apenas nos bens arqueológicos, geológicos e biológicos do vale do São José, mas na interação que as populações rurais possuem para com esse meio e como isso interfere no desenvolvimento local. Nessa ótica é importante lembrar que as relações de identidade estão ligadas ao lugar (patrimônio) existentes, logo pensar a história local é pensar a relação das populações com o lugar onde vivem, assim como seus modos de vida e o potencial para a melhoria destes modos de vida.

No decorrer das atividades de educação ambiental/patrimonial desenvolvidas pelo grupo “Vale do São José”, ocorreram diversas atividades de campo, como aulas e visitas técnicas, que tiveram como público alvo, estudantes de ensino fundamental, médio, técnico e superior. Nessas atividades ficou claro o potencial da aplicação do turismo rural enquanto ferramenta de monitoramento do patrimônio local, além de se mostrar uma estratégia viável para o desenvolvimento socioeconômico e socioambiental local.

Dessa forma até o modo de produção agroecológico em meio a esse contexto, poderia contribuir para o desenvolvimento local. Esse ponto específico foi testado nos anos de 2015 e 2016 onde turmas do segundo ciclo do ensino fundamental (6º ao 9º ano) de escolas localizadas na zona rural de Caetés visitaram a Propriedade Agroecológica Sítio Serrote e puderam visualizar *in loco*, a relação entre produção

agroecológica, turismo rural e patrimônio e suas implicações e viabilidade para o desenvolvimento local.

A propriedade Agroecológica Sítio Serrote é o ponto controle do grupo de pesquisa “Vale do São José”, é lá são construídas e testadas as tecnologias e os sistemas de produção agroecológicos, além de ser uma importante área remanescente de Caatinga e possuir potencial histórico significativo dentro da área de estudo. É na Propriedade Sítio Serrote, que são ministradas boa parte das aulas de campo e visitas técnicas, complementadas por visitas a outras localidades do vale do São José.

Dentre as atividades de campo realizadas na propriedade supracitada e nos demais pontos de visita no Vale, foram propostas as seguintes atividades: Fotografia científica, sendo aplicada em pegadas, fezes, ninhos, cadáveres, inscrições rupestres, rochas dentre outros materiais, visando noções de grandeza física dos objetos fotografados e enquanto prática de iniciação a métodos científicos. Exsiccatas, também foram confeccionadas enquanto método de pesquisa científica, visando a coleta de material botânico (partes das plantas), para identificação e catalogação de espécies nativas além de serem usadas em demonstrações para compreensão da morfologia das diferentes partes das plantas.

Também foi feito uso de aplicativos (*Softwares*) de celulares conjuntamente com aparelhos GPS, para introdução ao georeferenciamento durante a atividade de campo, além do tratamento das informações coletas para a criação de mapas básicos, como pré-requisito à iniciação ao geoprocessamento.

O decalque das inscrições rupestres devidamente orientadas possibilitou um entendimento acerca da importância de preservar as inscrições rupestres em seu tamanho e formato original somados às fotografias, bem como do cuidado necessário com o patrimônio cultural durante as visitas.

Foram elaboradas oficinas de produção de tecnologias sustentáveis, a partir de material reciclado e recursos disponíveis no meio ambiente, como fogão solar, cercas vivas, e interação dos sistemas agrícolas visando a diversidade e conservação de espécies. A soma dessas atividades proporcionou a criação de um banco de dados dos membros do grupo e estudantes, onde foi possível mapear todas as idas a campo com fins turísticos, sistematizando: Trilhas, datas, pontos de ocorrência de fauna, flora, sítios arqueológicos, geossítios, etc., mostrando, desse modo, a viabilidade e a eficiência do turismo enquanto monitoramento do patrimônio, iniciação científica, educação ambiental e estratégia de gestão da área.

As práticas de gestão já aplicadas em algumas propriedades na área de estudo seguem o proposto por Mendes (2012), ou seja, um zoneamento das propriedades agrícolas, que na prática são adaptadas a realidade das propriedades. As práticas agroecológicas foram escolhidas como ferramenta de gestão da área de estudo, visando a diversificação da produção agropecuária e de um desenvolvimento sustentável da mesma. Assim, o conhecimento dos potenciais produtivos dessas propriedades podem alavancar as atividades da agricultura familiar (TERRITÓRIO, 2013, p. 25).

Desse modo, o cultivo de pomares e a produção de hortaliças a nível familiar, garante a segurança alimentar, proporcionando uma economia doméstica efetiva. Além disso, essas técnicas garantem uma relação ecológica mais harmoniosa entre homem/natureza (grifos nossos), ressaltando que os cultivos de pomares implementam sistemas agroflorestais na preservação de espécies da fauna nativas, dependentes de vegetação, visto a redução e fragmentação de seus habitats naturais as propriedades 01 e 02 e 04 que serão citadas abaixo, expõem esses elementos de forma efetiva.

Outra importante e inovadora prática agroecológica é a implantação de sementeiras e viveiros de mudas. Esse viveiro segue a lógica das zonas 04 e 05, do zoneamento proposto por Mendes (2012), que correspondem às áreas de mata estrutural e permanente, respectivamente. A primeira delas visa o plantio e conservação de madeira para o uso na propriedade, objetivando replantar as espécies mais favoráveis ao uso. Já a mata permanente, visa à preservação de pelo menos 20% da propriedade, onde exista vegetação nativa remanescente ou recuperada.

A importância do viveiro de mudas é ressaltada no trabalho de Oliveira et al. (2014), onde os mesmos afirmam que no vale do riacho São José existem cerca de dois terços de todas as espécies que ocorrem no bioma Caatinga. Onde além de ampla diversidade florística da Caatinga ainda é possível encontrar espécies típicas da vegetação de Brejo de Altitude.

Um desses viveiros foi instalado na propriedade agroecológica localizada no sítio Serrote (propriedade 1) que será descrita em detalhes posteriormente. Até o momento este viveiro tem se mostrado eficiente na produção de mudas de espécies nativas, inclusive muitas ameaçadas de extinção na área de estudo, ou mesmo a nível regional, além da eficiência no cultivo de espécies frutíferas e forrageiras exóticas. Um segundo viveiro está em construção na propriedade localizada no sítio Quati (propriedade 2), que também será descrita posteriormente.

A ideia de identificar e sistematizar áreas prioritárias para preservação dentro da área de estudo é importante por duas razões, a primeira, promove uma aproximação dos moradores locais com o patrimônio do Vale, sem necessitar de instituições intermediárias. A segunda, garante a salvaguarda de parte desse patrimônio dentro das propriedades que tem como principais agentes desse cuidado, seus proprietários. Estas propriedades privadas, foram escolhidas como pontos controle para a preservação de parte do patrimônio, pois possuem características peculiares, que contemplam aspectos comuns em todo o Vale.

Os conceitos mais utilizados na escolha dessas propriedades foram os usos de técnicas e tecnologias que visam um desenvolvimento local e sustentável, que dialogue com a proposta de preservação do patrimônio, com abertura para outras técnicas agroecológicas como: construção de horta para cultivo a nível familiar; viveiro de mudas visando a produção de espécies nativas da área; criação de agroecossistemas e sistemas agrofloretais; implantação de reservatórios hídricos; e o uso de outras tecnologias que aproveitem as energias provenientes da natureza (solar, eólica, biomassa).

Dentro desse contexto foram escolhidas quatro propriedades para implantação de sistemas agroecológicos e para preservação do patrimônio local.

Propriedade -1: Localizada no Sítio Serrote, sob as coordenadas 8° 46'31" S, 36° 43'05" O, com 868m de elevação, no lado Norte do Vale, apresenta vegetação típica das formações Agreste com Matas secas, Caatinga arbórea e algumas espécies típicas dos Brejos de Altitude. Também está localizado um dos cruzeiros existentes no vale do São José, o mesmo foi colocado por volta de 50 anos atrás, por padres holandeses em missões religiosas. Nessa propriedade ainda é encontrada uma construção que foi uma das primeiras escolas do município de Caetés, onde hoje está instalado o museu do vale do São José. Vale salientar que o mesmo mantém a estrutura original, necessitando de intervenções para restauração.

Essa propriedade foi utilizada enquanto ponto controle no trabalho de Oliveira (2015), no levantamento da anurofauna local. A partir de observações nela realizadas, foram adquiridos resultados presentes nos trabalhos de Oliveira *et al.* (2014-a,b), Vieira *et al.* (2014-a/2015-a) e Lira (2015, no prelo). Também está inserida enquanto área de estudo em várias outras pesquisas realizadas pelo grupo “Vale do São José”.

Propriedade -2: Localizada no Sítio Quati, sob as coordenadas 8°48’42” S, 36°46’14 O, com 890m de altitude, ao Sul do Vale. Originalmente, a vegetação da área era típica da Caatinga nas formações da fitorregião Agreste, com forte influência dos Brejos de Altitude. Foi possível constatar isso através da análise de exemplares remanescentes encontrados no entorno da propriedade.

Neste local os sistemas agroflorestais estão em evidência e as espécies nativas dividem o espaço com as plantações de palma forrageira (*Napolea* spp., *Opuntia* spp.). Além das espécies citadas, são cultivadas, na forma de pomar (sistemas agroflorestais), exemplares exóticos como seriguela (*Spondias purpúrea* (L.)), bananeiras (*Musa* spp.), romã (*Punica granatum*, L.) entre outras nativas a exemplo do Imbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda.). Vale salientar que essa propriedade também fez parte da área de estudo de várias pesquisas científicas conduzidas pelo grupo “Vale do São José”, nas mais distintas áreas de conhecimento.

Propriedade -3: Localizada no Sítio Cachoeira Grande, sob as coordenadas 8°47’18” S, 36°47’08” O, com elevação de 569m de altitude, ao Oeste do Vale. Situada na Depressão Sertaneja, a vegetação da área é típica do Sertão, numa transição de áreas savanadas e florestais, com leve influencia de vegetação semidecidual no leito dos rios.

Na área há um complexo de sítios arqueológicos pré-históricos de tradição Agreste e Itacoatiara, nas margens do riacho Cachoeira Grande (afluente do riacho São José). Também existe uma capela denominada de “Capela dos Terina” (o nome Terina, faz alusão a matriarca da família). O arredor da capela era usado até poucas décadas, como Cemitério de Pagãos ou Anjos (crianças não batizadas que faleciam prematuramente).

Segundo os atuais moradores da casa sede dessa propriedade, a matriarca Terina, teria escondido um “trancilim” (colar) de ouro, numa das paredes da casa, com medo dos rumores da passagem de Lampião pela localidade. É importante lembrar que as paredes ainda são de taipa, sendo cobertas por um leve reboco de cimento, ainda hoje paira o mistério acerca de onde o “trancilim” está exatamente, uma vez que a mesma não revelou sua localização antes de falecer.

Propriedade -4: Formada por um complexo de duas propriedades ladeadas. Localizadas no Sítio Lagoa Rasa, tendo suas sedes as coordenadas, 8°45’51” S, 36°40’35” O e 8°45’37” S, 36°40’28 O, ambas a 933m de elevação, a Leste, próximo ao início do vale, propriamente dito. Em parte das propriedades, é praticada pecuária extensiva, no entanto no restante de ambas há significativas áreas com vegetação remanescente de Caatinga, com forte influência das formações de Brejo de Altitude, onde os exemplares típicos dessa vegetação ocorrem em abundância.

Vale destacar uma porção de vegetação específica na primeira propriedade, uma vez que o fator “memória” está ligado à preservação dessa área, pois o proprietário, o Sr. Cícero Malaquias, tem o local enquanto materialidade da memória de seu falecido pai. A área era usada por várias pessoas para orgias e consumo de álcool,

periodicamente. Atualmente são associadas ao local supracitado, histórias de assombração e banditismo local.

Na segunda propriedade está localizado o único depósito fossilífero confirmado da área de estudo, com grande potencial para desenvolvimento de estudos nos campos da paleontologia, paleoherpetologia, geologia e geodiversidade. Além disso o local onde encontram-se os fosséis deu nome à comunidade rural em que está inserida, a Lagoa Rasa. O entorno da Lagoa apresenta considerável diversidade remanescente da flora e da fauna do bioma Caatinga e dos Brejos de Altitude, tendo sido diagnosticada pelo grupo de pesquisa “Vale do São José”, como área de relevante importância no estudo específico da Zoologia, Botânica e Paleontologia.

CONCLUSÕES

Fica claro, que atividades voltadas para a inserção das populações no conhecimento do lugar onde vivem reafirmam sua identidade, além de fazer com que as pessoas participem no cuidado e na autoidentificação com o patrimônio local e com o meio ambiente. Logo, uma gestão para a construção de vivências com os bens naturais e culturais apresenta-se mais eficiente do que outras formas de imposição ou de convivência inadequada.

Algo extremamente importante de ser notado é que esse trabalho afirma que através das ferramentas educacionais e extensionistas é possível formar agentes multiplicadores de boas práticas para conviver com as adversidades do semiárido e auxiliar na salvaguarda dos recursos e bens disponíveis no entorno de onde vivem, rompendo com práticas arcaicas e prejudiciais ao meio ambiente. Assim a soma dos elementos educação ambiental/patrimonial, divulgação científica, turismo rural e agroecologia, formam um conjunto que unido à pesquisa científica integra população e lugar (patrimônio) de maneira a garantir a supervisão e salvaguarda desses bens, além de ofertar melhorias na qualidade de vida nos aspectos socioeconômicos e socioambientais.

REFERÊNCIAS

BRUSANDIN, L. B. A dinâmica do patrimônio cultural no turismo dentro o processo híbrido de memória e identidade da cultura social. **CULTUR**, ano 09, nº 3, 2015.

MAIA, G. N. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. 2. ed. Fortaleza: Printcolor, 2012.

MENDES, R. **A permacultura aplicada na agricultura familiar**. Caruaru: Permacultura Pedagógica, 2012.

MOURA, A. **Princípios e fundamentos da proposta educacional de apoio ao desenvolvimento sustentável – PEADS: uma proposta que revoluciona o papel da escola diante das pessoas, da sociedade e do mundo**. Gloria do Goitá. Serviço de tecnologia alternativa, 2003.

OLIVEIRA et al. O Vale do São José como campo de coleta de sementes florestais da Caatinga. Anais do V Workshop de Sementes e Mudanças da Caatinga, Petrolina, 2014.

SIRKIS, A.; TRIGUEIRO, A. **Meio Ambiente no século XXI**. Autores Associados, 2005.

VIEIRA, A. G. T.; OLIVEIRA, R. F.; ARAÚJO, M. S. L. C. Abordagem interdisciplinar para o patrimônio cultural/natural do Riacho São José, Caetés Agreste meridional de Pernambuco. In: Anais do II Encontro Regional de Ecologia do Nordeste – ERECO. Rio Tinto-PB, 2014.

VIEIRA et al. Análise interdisciplinar e arqueológica do vale do São José, Caetés, Agreste Meridional de Pernambuco, Brasil. **Tarairiú**, v. 1, n. 10, 2015.

TERRIÓRIO RURAL DO AGRESTE MERIDIONAL. **Território rural do Agreste Meridional**. Territórios rurais, Janeiro de 2013.